

O PROFESSOR

THE TEACHER

David Ehrlich¹

De lugar nenhum, hoje.

Cara Toni,

Você conhece meu rosto e sabe o que fiz. Só não sabe quem eu sou. Por sua vez, eu sei quem você é e sei o que te aconteceu. Só não sei o que você pensa de mim. Quero então pelo menos contar-lhe a meu respeito, para você julgar melhor o quanto me ama ou me odeia. Peço-te antes apenas duas coisas. A primeira é que você não tente procurar informações a meu respeito. Não vai te ajudar e nem levar a lugar algum, pois passei uma vida inteira aperfeiçoando a arte de ser completamente invisível. A segunda é que você destrua esta carta. Por mais que você talvez queira guardá-la, não o faça. Sequer copie-a. Memorize o máximo possível dela e guarde-a apenas em sua cabeça. Essas são as duas coisas que lhe peço antes de contar minha história, e como cheguei a você. Haverá uma terceira coisa que lhe pedirei para fazer ao fim da carta, mas para você entender o porquê, preciso antes explicá-lo.

Se você me perguntasse meu nome, eu não responderia. Mas se você me perguntasse o que sou, diria que já fui um Professor. É completamente diferente de um professor de escola, e um tanto diferente de um professor universitário. Mais do que uma profissão, somos como uma casta: do momento em que nascemos, sabemos nossa razão de ser, nosso lugar no mundo. Casamo-nos entre nós, e não nos misturamos com o resto da população. Na verdade, tentamos passar despercebidos em meio às pessoas comuns. Por isso nem adianta ir atrás de informação a respeito dos Professores, pois não encontrará absolutamente nada.

¹ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Paraná e Especializado em Narrativas Visuais na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: david ehrlichbrasil@hotmail.com

O “trabalho” de um Professor, por assim dizer, é supervisionar a atividade humana. Pura e simplesmente isso. Lógico, temos nossos fundos que nos sustentam, mas em si é essa a nossa vida. Somos designados a diferentes cidades, e passamos os dias a testemunhar o cotidiano das outras pessoas, enquanto reunimos e preservamos esses nossos testemunhos. Se você já viu alguém sentado olhando para o mundo sem fazer nada, há uma pequena chance de que tenha visto um Professor. Passamos muito tempo sentados, e por isso tendemos a ser um tanto gordos. Eu mesmo cheguei a ser gravemente obeso, embora, como pôde ver quando cruzamos olhares, atualmente não seja mais.

A vida de um Professor é marcada pela frieza. Isso porque temos uma regra muito clara: “supervisione as ações humanas, mas nunca tome ação você mesmo”. O lugar do Professor nunca é o lugar da ação. Parece confortável, mas, para alguns, tal existência é tão vazia que chega a ser enlouquecedora, e acabam abandonando essa vida. Deixar de tornar-se um Professor, porém, não é fácil: você se torna um pária, proibido de participar da vida deles, e eles proibidos de ter qualquer interação com você. Eu mesmo, como pôde deduzir, escolhi deixar de ser um Professor. E muitas foram as vezes que me perguntei se fiz a escolha certa.

A vida dos Professores, porém, não é inteiramente desprovida de alegrias, especialmente em meio à família. O núcleo familiar é de extrema importância para o Professor, pois é o único ambiente no qual lhe é permitido tomar alguma ação. Cuidamos de nossos cônjuges e de nossos filhos, aos quais ensinamos tudo que podemos. Diria que a vida de um Professor é de fato fria, mas pode ser tão feliz quanto qualquer outra.

Eu mesmo tive uma família. Uma esposa e um filho. Nosso casamento foi arranjado, como é a maioria dos casamentos entre Professores, e ela demorou a engravidar. Mas diria que a amava, o que é diferente de dizer que era apaixonado por ela. Você ainda é nova e talvez lhe seja difícil entender essas sutilezas do amor, Toni, mas talvez um dia você entenda.

Então teve o acidente. Infelizmente, por mais que tentemos ser invisíveis, nós, Professores, continuamos sendo meros mortais. E às vezes, um carro desgovernado vem justamente em nossa direção. Foi o que aconteceu com minha esposa e meu filho. Ela estava a observar e ouvir as pessoas na rua, e ensinava nosso garoto a fazer o mesmo. Então um carro perdeu o controle do freio e avançou contra eles. Meu filho tinha apenas

oito anos. A polícia não encontrou absolutamente nada que a ajudasse a identificar os corpos, e assim foram levados a um necrotério qualquer. E eu, para seguir as regras dos Professores, não pude ir identificar os corpos, ou sequer me despedir.

Senti que perdia o chão, que tudo que me dava estabilidade se fora. Tinha 44 anos e uma vida completamente vazia. Andava sozinho pelas ruas e retornava a uma casa silenciosa. Como professor, tinha uma razão para minha vida, mas, ao mesmo tempo, não tinha vontade alguma de viver. Queria gritar, quebrar alguma coisa, mas por anos fui condicionado a fazer nenhuma dessas ações.

Foi nesse momento, cansado e mentalmente instável, que me apaixonei. Se o amor que tive pela minha primeira esposa foi um amor maduro, que cresce com a convivência e com o aprendizado que um tem com o outro, a paixão que senti naquele momento não necessitava de qualquer convivência. Bastou olhar para ela e eu soube que não sentiria aquilo com mais ninguém no mundo. Mais do que bela, a forma como ela andava e falava no celular – pois, como Professor, eu notava bastante essas coisas – transmitia que ela vivia em um mundo no qual eu não vivia: um mundo de ação, onde tudo deveria ser feito para ontem.

O nome dela era Sibila, e de fato minha suposição estava certa, pois ela era assessora do prefeito local. E o trabalho da assessora do prefeito de uma grande metrópole é certamente agitado, especialmente quando o dito prefeito pretende se candidatar na próxima campanha presidencial. Ela estava sempre a correr para um lado e para o outro, organizando os preparativos para a campanha. E aonde ela ia, eu a seguia, acompanhando aquela rotina que enlouqueceria muitas pessoas. Em nenhum momento reparou em mim, mas eu reparava em tudo que ela fazia.

Os outros Professores, por sua vez, notaram a mudança em meus testemunhos. Estavam menos recorrentes, e eu quase apenas me focava em Sibila. Acabei sendo chamado para o Conselho de Pares. Os Professores não têm exatamente uma liderança central, somos formados por pequenas células que, tanto quanto possível, tentam resolver seus problemas por conta própria, de igual para igual. Para problemas que não tenham soluções fáceis, organiza-se um Conselho de Pares, em que o Professor em questão responde a um grupo de outros Professores selecionados. No caso, eu fui chamado para

responder a cinco dos Professores mais próximos de mim, que supostamente melhor me conheciam.

Uma característica nossa é que, por vivermos de observar o mundo, aprendemos a desenvolver uma boa memória, e por isso me lembro bem como foi o Conselho de Pares:

- Temos notado uma grande mudança nos seus testemunhos. – Me disseram – Você já não tem supervisionado a ação humana como antes. No começo consideramos que era uma reação normal devido ao seu luto, mas seus testemunhos mais recentes mostram uma quase obsessão por essa tal Sibila. Devemos lembrá-lo de que, como Professor, você não deve tomar nenhuma ação. Não há problema nenhum em querer focar-se mais nela, mas tememos que devido à sua recente tragédia você esteja um pouco confuso.

- Não estou confuso, apenas cansado. – Respondi – Estou cansado desse vazio que sinto em mim. Já antes de perder minha família eu o sentia, mas agora não há nada mais que me segure a ele. Eu não aguento mais não fazer nada, não ter nada que esperar. É isso que desejo: desejo tomar ação. Mesmo que tenha que abandonar a vida de Professor.

- Escuta, por que não pensa melhor a respeito? Se é a solidão que te angustia, podemos arranjar-lhe outro casamento. Aprendeu a conviver com uma esposa, aprenderá com outra.

- Eu não quero arranjar um casamento, eu quero escolher. Quero ter esse poder de escolha. E já escolhi uma mulher, e ela não é dos nossos.

- Percebemos. Mas por favor, pense. Queremos supor que você sabe no que essa sua tal escolha implica, mas não nos parece que você está inteiramente ciente.

Eu estava ciente. Todos estávamos cientes. Havíamos tido antes colegas Professores que deixaram de sê-lo, mas não podíamos sequer dizer-lhes o nome. Quando um Professor abandona sua razão de ser, passa a ser tratado como se nunca tivesse existido.

Levaria ainda um tempo e várias convocações ao Conselho de Pares até se convencerem que eu estava mesmo decidido a abandonar essa vida. É estranho, mas me lembro do dia em que deixei de ser um Professor como lembraria qualquer outro. Enquanto queimavam tudo que já me pertencera e apagavam qualquer registro de que eles um dia me conheceram, não me senti triste, ou feliz, ou qualquer emoção forte. Era

como se fosse um dia normal, e eu não estivesse deixando para trás a única vida que eu conhecia, que meus pais conheceram, e os pais deles também.

Como de costume, deixaram-me apenas com as roupas do corpo e a minha parte do nosso fundo de investimento, em dinheiro vivo, para que eu recomeçasse minha vida. Deram-me dez minutos para ir embora enquanto lamentavam que eu não mais existiria para eles, e a partir daí eu era um homem livre... O que quer que isso significasse.

Não nego que o começo foi difícil. Uma coisa é observar alguém fazer documentos, abrir uma conta de banco, arrumar um lugar para dormir. Outra coisa é fazer essas coisas por conta própria, especialmente quando você não está acostumado a fazer qualquer coisa que seja. Até hoje me lembro da primeira ação que tomei, e foi tão estúpida: eu sabia de um bar onde brigas eram recorrentes, e fui lá, mas não mais como Professor, sem ser notado. Fui lá para entrar em alguma briga. Obviamente, com 44 anos, obeso e nunca tendo brigado na vida, tomei uma surra. Mas a sensação de simplesmente poder bater de volta, mesmo que não conseguisse, era para mim completamente nova.

Foi então hora de arrumar emprego. Eu tinha apenas uma qualificação: conhecia a cidade melhor do que qualquer outra pessoa. Logo, busquei por algum emprego onde isso me desse vantagem. Achei-o numa vaga de taxista. Mais especificamente, taxista noturno: não pareciam se importar tanto se minha carteira de habilitação era verdadeira ou não. Sabia falsificar de tanto ter visto outras pessoas fazendo-o, e foi assim também que aprendi a dirigir. Não quer dizer que eu dirigisse bem, mas também a vaga não falava nada a esse respeito.

Em nenhum momento esqueci o motivo pelo qual estava fazendo tudo aquilo: Sibila. Pensava todo dia em como abordá-la, como falar com ela. Enfim, como tomar uma ação. Ao final, porém, quase não foi preciso: ela tomou a ação necessária. Encontrei-a num bar, sentei ao lado dela, e enquanto me perguntava como abordá-la, foi ela que olhou para mim e disse:

- Sabe, eu nunca tive um relacionamento sério. Talvez eu nunca tenha tido maturidade para isso. Já houve homens que se apaixonaram por mim, mas sempre que percebia isso eu me apavorava e o largava pelo primeiro rapaz bonito e simpático que cruzasse comigo na rua. E isso sempre fez eu me sentir incompleta. Buscar ter em outras situações a atitude que eu não conseguia ter nessa. Nesse exato momento, eu olho esses

seus olhos e percebo que você está apaixonado por mim. E nem te conheço! Mas minha vontade é falar: que seja. Darei-lhe uma chance. Mostre-me o que é um amor sério. Mostre-me como faço para me sentir completa.

- Se é disso que você precisa, é isso que irei te oferecer. – Respondi – Faz tempo que vejo você, e vejo que não é uma pessoa feliz. Eu também não sou. E creio precisar do mesmo que você. Podemos começar agora?

Assim começamos nosso relacionamento. Éramos um tanto atrapalhados em nossa inexperiência emocional, mas entre altos e baixos percebíamos que tínhamos coisas em comum. O que mais nos unia era nosso desejo por mudança: vivíamos em uma cidade decadente, vulgar. Uma cidade que já nem tentava mais esconder seus problemas, tão suja que já não adiantava mais tentar varrer para debaixo do tapete. Mas já fora pior. Sibila sabia disso, e por isso tornou-se assessora do prefeito. Acreditava que essa melhora que ele fizera na cidade poderia ser feita no país inteiro.

Eu, por minha vez, pensava um pouco diferente. Talvez por ter sido Professor e minha vida toda não poder fazer nada para mudar as coisas, mas eu não achava que um prefeito ou um presidente sozinho faria muita melhora. Todo dia via tantas pessoas que não tomavam as ações necessárias, sendo que tinham total capacidade para isso. Eu, que até pouco tempo antes era impedido de tomá-las, tinha raiva dessas pessoas, desperdiçando o maior papel que a vida em sociedade lhes dava. Essa raiva crescia em mim, me alimentava. Via pessoas sendo assaltadas em plena luz do dia, jovens sendo assediadas em público, e ninguém fazia absolutamente nada. Sibila, que percebia que eu era diferente mesmo não sabendo o que é um Professor, me explicava que as pessoas comuns têm medo de que acabe sobrando para elas, ou de que estejam se metendo onde ninguém as chamou. E isso não fazia sentido para mim. A razão da existência de uma sociedade é as pessoas se ajudarem umas às outras, cuidarem umas das outras. Sem isso, não há sociedade que se sustente. Quando cada um só pensa em si e recusa-se a envolver-se na vida do próximo, o que temos não é uma sociedade, apenas um monte de pessoas confusas e raivosas, convivendo juntas sem nem saberem o porquê, a um ponto de se esgoelarem umas às outras.

Essa minha raiva e desejo de ação tornava-se cada vez mais violento. Não havia abandonado a vida de Professor para não fazer nada. Se eu via um assalto ocorrendo,

interferia. Se via um assédio ocorrendo, interferia. Sempre havia espertinhos que se aproveitavam da apatia alheia; eles só não contavam comigo. E sendo grande e gordo, muitos se assustavam apenas com a minha presença. Alguns tentavam brigar, mas aos poucos eu estava melhorando na briga. Se a ação necessária a se tomar era a violência, eu era violento.

Sibila não gostava daquilo. Dizia que um dia eu acabaria sendo morto. Que eu deixasse os problemas às autoridades, que melhor sabiam o que fazer. E eu questionava. Se sabiam mesmo melhor o que fazer, por que não faziam? Se algo está gravemente errado, por que ninguém vai lá resolver?

Foi durante a campanha que você, Toni, me trouxe a resposta. Não sei o quanto você se lembra da carta que escreveu, afinal faz já quatro anos, e na época você nem sabia escrever em letra cursiva. Mas eu me lembro, Toni. A carta pode estar atualmente perdida, mas enquanto a tive a li tantas vezes que gravei cada palavra. Na época, Sibila trabalhava tanto na campanha que inclusive eu usava meus horários de folga para ajudá-la. Eram centenas de cartas endereçadas ao nosso candidato que ela buscava na caixa postal, e eu a ajudava a respondê-las. Muitos pedindo que quando ele fosse presidente resolvesse esse ou aquele problema de sua comunidade, alguns cobrando posicionamento a respeito dessa ou daquela polêmica, e havia também as cartas de ameaça. E então abri a sua carta. Quando a li, eu passei mal. Senti verdadeiro enjoo, e na primeira vez tive que fazer uma pausa na metade da leitura:

“Senhor candidato

Meu nome é Toni, e tenho 8 anos. Estou escrevendo porque não tenho com quem falar a respeito de mim. Na TV dizem que devo contar para um adulto em quem confio, mas não confio em nenhum adulto que conheço. E na TV vejo você falando que quer ajudar as pessoas e falando tanto das crianças, então resolvi escrever para você.

Há 3 anos meu pai começou a fazer o que na TV chamam de ‘abuso infantil’. Dizem que é quando adultos tocam nas crianças de um jeito que a gente não gosta, quando nos dão muito beijo ou dão beijo em lugares diferentes, quando querem colocar a mão por baixo de nossa roupa ou nos ver sem roupa, ou quando nos abraçam de um jeito que machuca. Meu pai há 3 anos começou a fazer tudo isso. Começou também a

fazer o que ele chama de carinho, e minha mãe chama de coisa feia. Não sei o nome certo, mas acho que o senhor sabe. Todos os adultos parecem saber o que é.

No começo meus pais falavam para eu não contar para ninguém sobre isso. Mas depois de um tempo eles mesmo começaram a contar para todo mundo. Além do meu pai, os amigos dele também começaram a fazer carinhos ou coisas feias comigo. Alguns desses amigos me traziam doces ou brinquedos dizendo que os ganharia se me comportasse, mas a maioria trazia presentes para meus pais, ou então dinheiro.

No ano passado entrei na escola, e lá uma professora nos falou sobre isso, que devíamos contar se um adulto fizesse coisas que não gostávamos. Depois da aula contei para ela, e ela prometeu me levar à delegacia para falar com os policiais. Mas quando estávamos lá, vi que conhecia o chefe da delegacia, que era um dos amigos do meu pai. Minha professora chorou muito, e disse que queria muito me ajudar, mas não podia fazer nada.

Senhor candidato, se você for presidente, você vai mandar em todo mundo, não? Promete que vai me ajudar? Que vai me levar para um lugar bem longe, onde adultos não me machuquem? Eu amo meus pais, mas tenho muito medo deles.

Toni”

Mostrei imediatamente sua carta para Sibila. Ela teve uma reação parecida com a minha, e imediatamente correu até o quartel de campanha para mostrá-la ao prefeito. Retornou apenas de noite, mas estava diferente. Sabe quando você sopra um balão e deixa todo o ar sair de dentro, até ele ficar completamente murcho? Assim parecia Sibila. Ela foi direto à dispensa pegar uma bebida, e perguntei o que houve.

- Fomos atrás de informações para investigar o caso. – Ela disse – Essa menina é real. Mora em um subúrbio rico do outro lado do país. E o pai dela é um dos nossos principais representantes por lá. A quantidade de votos que ele pode angariar é capaz inclusive de virar a eleição. Se ele for preso, a campanha acaba, não terá como nos recuperarmos.

- Então o que faremos?! – Perguntei. Nem cogitei a ideia de não fazermos nada – É uma criança, Sibila! Vai deixar que isso continue acontecendo com ela?! – Sibila não me respondia – Ele ainda não é presidente, se talvez falarmos com o atual...

- Não! – Sibila gritou – Ele é um inútil, não fez nada em quatro anos de mandato, não vai fazer agora. Mas se vencermos, poderemos fazer várias mudanças. Mudanças boas.

- À custa de uma criança? Quer saber, se você não vai denunciar, eu vou.

- Vá, então. Tente. Não entende? Ninguém vai ajudar essa menina. Ninguém. – Entregou-me a carta – Taque fogo nela e finja que nunca leu nada. Beba, se precisar. Eu estou bebendo. – Notou o jeito como eu a olhava – Ah, não. Conheço esse olhar. Se você tentar fazer alguma coisa por conta própria como sempre faz, acabou. Eu vou chamar a polícia. E vai ser contra você. Você não vê o que está em jogo?! Pensa tão pequeno assim?!

- Talvez seja você que pense grande demais. – Foram minhas últimas palavras a ela. Saí pela porta, e antes que ela corresse atrás de mim já estava muito bem escondido.

Se tenho um único arrependimento, é ter demorado quatro anos até chegar a você. Nenhuma desculpa que eu dê justificaria isso, especialmente na condição em que você estava. Não consigo imaginar tudo que você passou nesses quatro anos, e se você me odiar por isso, será perfeitamente compreensível, porque também me odeio.

De qualquer forma, você merece que eu lhe responda onde estive nesses quatro anos. A maior parte do tempo, estive tentando chegar até você. Há todo um deserto entre a cidade em que eu vivia e a sua, e passei quatro anos vagando por ele, qual Moisés tentando chegar à Terra Prometida. A diferença é que Moisés estava liderando um povo inteiro, e eu estava completamente sozinho. Atravessar um deserto sozinho não é a melhor ideia, especialmente no estado mental em que eu estava: abandonando a única pessoa que me restava no mundo, a vida que consegui criar para mim após perder tudo uma primeira vez. Nunca, nem mesmo quando perdi minha primeira esposa e meu filho, senti-me tão sozinho, tão desconectado da sociedade, de mim mesmo, da própria vida. Cheguei a perder memórias, a ponto de não saber direito a minha identidade. Só sabia que tinha que ir até você. Você era o que me impelia para frente, Toni. Mas quanto mais eu andava para frente, mais o caminho atrás de mim desmoronava. Mais do que te buscar, o que eu fazia era fugir do passado.

Nesses quatro anos, mantive-me de alguma forma invisível. Talvez o comportamento induzido por décadas fosse mais forte do que eu. E emagreci, também.

Sobrevivia com pouco e andava muito. Tenho vaga lembrança de inclusive ir parar em um hospital, mas não sei quando e nem quantas vezes.

Recuperei plena consciência apenas após chegar a uma pequena cidade de beira de estrada e ler por acaso uma manchete de jornal que falava sobre a campanha eleitoral do candidato de Sibila. Mas não a primeira campanha. Pois quatro anos depois, ele estava agora tentando se reeleger para um segundo mandato presidencial. Foi isso que me despertou, e me fez perceber quanto tempo havia passado. Quanto tempo perdi.

Ainda lembrava exatamente a localização do subúrbio em que sua família vivia. Chegando lá, passei algumas semanas observando o local. Analisando as pessoas que viviam naquelas ruas impecavelmente limpas com casas enormes, exatamente o tipo de lugar onde a maioria não suspeitaria que coisas horríveis estivessem acontecendo. Todos sorriam uns para os outros, como se tudo estivesse bem. Aquela hipocrisia, aquela cara-de-pau, fez-me lembrar da raiva que senti naqueles outros tempos. E com a raiva, veio de volta o desejo por violência.

Ah, Toni, espero que você nunca saiba disso, mas se você soubesse o quão fácil é adquirir uma arma! Não só uma: foram três armas que arrumei, além de silenciadores e mais munição do que poderia possivelmente usar. Mesmo que em minha cabeça tivesse um plano perfeito para matar meus alvos sem ser visto por ninguém, estava preparado para massacrar o subúrbio inteiro caso fosse necessário para te tirar daquela vida.

Bom, o que aconteceu você sabe quase tão bem quanto eu. Enquanto vocês dormiam, entrei de noite na sua casa e matei seus pais, com tiros na cabeça. Fiz questão de usar um bom silenciador para não te acordar, além de trancar a porta do quarto deles por dentro. Eles podem ter feito coisas horríveis com você, mas ainda assim você não merecia ver o que fiz.

Ao longo daquelas semanas, identifiquei cinco homens que pareciam mais próximos do seu pai. Notei também como eles te olhavam, e ficou claro para mim o que eles faziam com você. Fui à casa de cada um deles, e fiz o mesmo que fiz com seus pais. Não deixaria ninguém mais tocar em você.

Por fim, dirigi-me à delegacia. Sabia que aquela seria a parte mais difícil do meu plano. Mesmo considerando tudo que aprendi sendo Professor, estava apreensivo. Não é fácil entrar em uma delegacia e matar o chefe de polícia, para ninguém. Será que ainda

estava em forma para ficar invisível? Mas eu estava decidido a fazer aquilo. Algo em mim me dizia que mesmo que eu levasse dez tiros no peito, eu me levantaria e terminaria com o que comecei.

Entrar na delegacia foi fácil. Esgueirar-me por dentro dela foi um pouco mais complicado. Mas enfim avistei o chefe, que só me notou quando eu já estava frente a frente com ele. Aquele homem nojento teve tempo apenas de dar o mais breve de todos os gritos antes eu acertar-lhe um tiro fatal.

Mesmo o mais breve dos gritos, porém, continua sendo um grito. E chamou a atenção do único outro policial que estava na delegacia àquela hora da noite. Ele me viu, e logo sacou sua arma. Corri, e rapidamente consegui despistá-lo, saindo da delegacia e correndo pelas ruas do subúrbio. Sabe o riacho que corre a umas quatro quadras da sua casa? Joguei minhas armas nele, e toda a munição.

Estava pronto para fugir e recomeçar minha vida, como quer que fosse. Mas decidi que queria dar uma última olhada em você. Aproximei-me da sua janela, e vi você dormindo. Perguntei-me como você reagiria, como seria sua vida a partir do momento em que acordasse. No começo certamente não seria fácil, como creio que neste momento em que você lê não esteja sendo. Mas torci para que melhorasse, para que você encontrasse adultos que te protegessem como eu queria te proteger...

Foi enquanto eu te observava e divagava que o policial, que ainda me procurava, me avistou. Em um momento de descuido, deixei-me completamente exposto e desprevenido. Ele gritou e disparou contra mim. Novamente saí correndo, mas não antes de você acordar e me ver. Não sei o que você pensou ao me ver, naquele um segundo em que nossos olhares se cruzaram. E jamais saberei. Porque o tiro que o policial disparou contra mim acabou me acertando. Não foi um tiro totalmente certo, pois pude continuar a correr após levá-lo. Consegui inclusive despistar meu perseguidor, apesar do sangue que pingava de mim. Mas enquanto me escondia e tentava tratar meu ferimento, percebi que ele era mais grave do que parecia. Mesmo tirando a bala e cauterizando o buraco, havia órgãos machucados. Seria necessário ir ao hospital para tratar aquilo. Se eu fosse ao hospital, seria preso. E decidi que não iria. Mesmo que meu tempo estivesse contado, queria antes fazer uma coisa.

Entrei no primeiro ônibus da madrugada que levava da sua cidade à minha, atravessando o deserto. Obviamente, com rodas, motor e um rumo certo, a viagem levou apenas um dia e meio ao invés de quatro anos. Nesse um dia e meio, senti que estava enfraquecendo. Creio que apenas a força de vontade me manteve de pé até agora.

Enfim, o ônibus chegou ao seu destino, e eu caminhei até o meu: a porta da casa de Sibila. Toquei a campainha, e ao me ver ela mal pareceu assustada:

- Acho... Que devo te pedir desculpas. Você estava certo. – Ela disse.

- E eu também te devo desculpas. Você também estava certa. – Respondi, e mostrei-lhe meu ferimento. Só então ela mostrou-se assustada.

Neste momento, estou na cama com ela, escrevendo esta carta. Música clássica, minha favorita, toca no rádio. Creio que se adormecer, não acordo mais. Mas valeu a pena. Nessas poucas horas que passamos juntos, tivemos nossa conversa mais sincera. Ela não é mais assessora do presidente. Agora assessora um circo. “Mais digno”, ela disse.

Apesar da morte iminente, uma sensação de paz me domina. Choro, mas sorrio. Estou alegre, pois no fechamento da minha vida tomei a ação mais importante que poderia tomar.

E agora que você sabe por que fiz o que fiz, deve estar bastante agitada quanto a qual é afinal a terceira coisa que quero que você faça. Pois bem: amanhã, após livrar-se do meu corpo, Sibila irá de carro até aí. Ela já sabe o que fazer e com quem falar. Levar-te-á para morar com ela. E quero que você lhe dê uma chance, apesar do que aconteceu quatro anos atrás. Seu único defeito é ser terrivelmente normal, mas te juro que ela jamais te machucará, e muito menos deixará outros adultos te machucarem.

Adeus, Toni. Apesar de tudo, parto desta vida maravilhado: pois por você, fiz o que nenhum Professor seria capaz de fazer. Tenha uma boa vida, e se houver algo além dela, pode ter certeza que estarei feliz por cada conquista sua.

Assinado,

O Professor